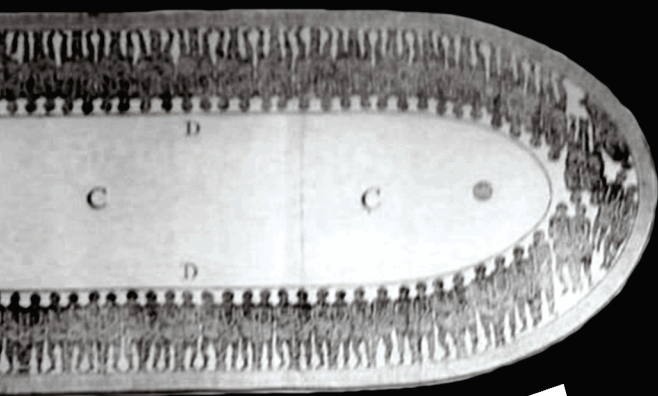
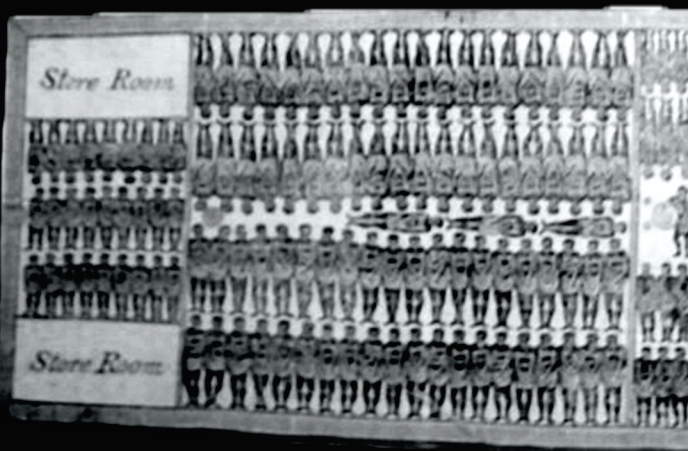


Carlos
César
Pereira de Sousa



Malungo



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

MALUNGO

Carlos César Pereira de Sousa

Poesia

*Imagem da capa: detalhes do navio
britânico Brookes, utilizado no século XVIII
para traficar seres humanos escravizados
da África para a América.*

Fortaleza - Ceará
2023

Arte da Capa e contracapa
Diego Furtado da Silva Albuquerque

Projeto Gráfico e Diagramação



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725m Sousa, Carlos César Pereira de.
Malungo / Carlos César Pereira de Sousa. - Fortaleza: SEDUC,
2023.

80p.

ISBN: 978-85-8171-271-0

ISBN 978-85-8171-277-2 (E-book)

1. Literatura. 2. Poesia. I. Sousa, Carlos César Pereira de. II.
Título.

CDD 869.91

www.seduc.ce.gov.br



Elmano de Freitas da Costa
Governador

Jade Afonso Romero
Vice-Governadora

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação

Emanuelle Grace Kelly Santos de Oliveira
Secretária Executiva de Cooperação com os Municípios

Helder Nogueira Andrade
Secretário Executivo de Equidade, Direitos Humanos e Educação Complementar
e Protagonismo Estudantil

Maria Jucineide da Costa Fernandes
Secretária Executiva de Ensino Médio e Profissional

Maria Oderlânia Torquato Leite
Secretária Executiva de Gestão da Rede Escolar

Stella Cavalcante
Secretária Executiva de Planejamento e Gestão Interna

Julianna da Silva Sampaio
Coordenadora de Comunicação

Marta Emilia Silva Vieira
Danielle Taumaturgo Dias Soares
Keifer Fortunatti
Assessoras Especiais do Gabinete

Ideigiane Tercerito Nobre
Coordenadora de Gestão Pedagógica do Ensino Médio

Maria da Conceição Alexandre Souza
Articuladora de Gestão

Dóris Sandra Silva Leão
Orientadora da Célula de Gestão Pedagógica e Desenvolvimento Curricular – CEGED

Francisco Clerto Alves da Silva
Orientador da Célula da Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Noturno – CEJEN

Coordenação

Centro de Documentação e Informações Educacionais
Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio - COGEM

Conselho Editorial

Adriana Schneider Muller Konzen	Izabelle de Vasconcelos Costa
Ana Gardennya Linard Sório Oliveira	Jacqueline Rodrigues Moraes
Ana Joza de Lima	José Romário Rodrigues Bastos
Antônia Varele Gama Silva	Katiany do Vale Abreu
Antonio Helonis Borges Brandão	Lindalva Costa Cruz
Arnaldo Dias Ferreira	Marco Aurélio Jarreta Merichelli
Augusto Ridson de Araújo Miranda	Marcos Felipe Vicente
Betânia Maria Gomes Raquel	Maria de Fátima Xavier
Cintia Ferreira de Andrade	Mayara Tâmea Santos Soares
Cintya Kelly Barroso Oliveira	Newton Malveira Freire
Elaine Holanda Maciel	Paula de Carvalho Ferreira
Fernanda Maria Diniz da Silva	Paulo Venício Braga de Paula
Francisca Aparecida Prado Pinto	Renata Priscila Conceição da Costa
Francisca Juliana Feitosa Soares	Roberta Eliane Gadelha Aleixo
Francisco de Assis Sales e Costa Junior	Ronaldo Glauber Maia de Oliveira
Francisco Felipe de Aguiar Pinheiro	Rosendo Freitas de Amorim
Gezenira Rodrigues da Silva	Tamara da Cunha Gonçalves
Helayne Mikaele Silva Lima	Vagna Brito de Lima
Herman Wagner de Freitas Regis	Yure Pereira de Abreu

Edição

Prof. Me. Paulo Venício Braga de Paula
Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão
Centro de Documentação e Informações Educacionais

Normalização Bibliográfica

Elizabete de Oliveira da Silva

POLÍTICA EDUCACIONAL E PRODUÇÃO TEXTUAL

A sociedade brasileira precisa reconhecer efetivamente a relevância da Educação. Um aspecto central desse reconhecimento reside em valorizar o Magistério e o professor. A valorização do magistério pode expressar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pelo professor. Em 2008, foi instituída uma política pública de estado denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação contínua entre pares. A consolidação dessa proposta que investe no protagonismo docente gerou desdobramentos substanciais, dentre os quais se destaca a publicação de livros de professores da rede. Os trabalhos acadêmicos e literários, selecionados para publicação, passam por um criterioso processo de seleção.

A decisão da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), em organizar e publicar artigos que são recortes de dissertação e tese de professores da rede estadual de ensino, está baseada no programa Ceara Educa Mais, através da ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer. Esse Programa tem como principais objetivos: a) Valorizar os professores por meio da publicação das suas produções acadêmicas e literárias; b) Estimular a produção científica e literária de professores; c) Promover uma rede de colaboração entre os professores ao tornar públicas suas produções com seus pares.

Com essa iniciativa, a Secretaria da Educação do Estado do Ceará tem feito história. Ao publicar as produções de seus professores, a Seduc tem promovido um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos têm se manifestado na consolidação do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem com mais qualidade e compromisso.

Eliana Nunes Estrela
Secretária da Educação do Ceará

Jucineide Fernandes
Secretária Executiva do Ensino Médio e da Educação Profissional

PUBLICAÇÃO DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS E LITERÁRIAS DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DO ESTADO DO CEARÁ

Existem múltiplas formas de valorização da Educação, uma delas consiste em valorizar a/o professora/or. O reconhecimento da atividade do magistério pode manifestar-se por meio de várias funções e ações desenvolvidas pela/o professora/or.

Em 2008, foi criada uma ação governamental denominada Professor Aprendiz, cujo destaque tem sido a formação continuada por pares. O amadurecimento dessa ação ocorre com a edição da Lei nº 17.572/2021, de 22 de julho de 2021, que estabelece o Programa “Ceará Educa Mais” e que, no Art. 2º, Inciso II, trata da ação Professor Aprendiz. Este programa aposta no protagonismo docente gerando desdobramentos substanciais, dentre os quais destaca-se a publicação de livros de professores(as) da rede que ocorreu nos anos de 2017, 2018 e 2019. Deve ser ressaltado que os trabalhos acadêmicos, literários e temáticos selecionados para publicação passam por um rigoroso processo público de submissão.

A iniciativa da Secretaria da Educação do estado do Ceará (Seduc) em publicar livros produzidos pelos professores da rede estadual de ensino está baseada na ação Professor Aprendiz, do Programa Aprender pra Valer, tendo como principais objetivos: a) a publicação de suas experiências e reflexões; b) a formação e o desenvolvimento contínuo de outros professores; c) na publicização de obras acadêmicas e literárias dos professores, em formato impresso, bem como de livros temáticos, em formato digital.

As obras publicadas podem ser de natureza acadêmica (Tese de Doutorado ou Dissertação de Mestrado), Literária (Romance; Poema; Cordel; Novela; Crônica ou Conto) e Livros Temáticos Digitais que contemplem temas transversais e/ou associados às áreas de conhecimento (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Linguagem e suas tecnologias, Matemática, Ciências da Natureza e suas tecnologias).

São produções de professores(as) da rede pública estadual de ensino do Ceará, na condição de autor(es) ou coautor(es) da(s) obra(s). O Conselho Editorial, ao selecionar as produções acadêmicas considerou: clareza e precisão de conteúdo; relevância e atualidade do tema; originalidade; qualidade metodológica. Em relação às produções literárias, observou-se os seguintes aspectos: originalidade de conteúdo/ineditismo; repertório linguístico; fruição estética; coerência e consistência do texto; e, por último, potencial artístico. Os trabalhos publicados são originais, escritos em língua portuguesa em consonância com os Direitos Humanos.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará mais uma vez faz história com essa iniciativa. Ao publicar as produções de seus(suas) professores(as), a Seduc promove um círculo virtuoso de valorização do Magistério, cujos efeitos podem se manifestar no fortalecimento do protagonismo docente; no investimento da formação acadêmica e, principalmente, num processo de ensino e aprendizagem mais qualificado e comprometido.

Prof. Dr. Antonio Helonis Borges Brandão
Prof. Dr. Rosendo Freitas de Amorim
Prof. Ms. Paulo Venício Braga de Paula

PRÓLOGO

Rubem Alves, sobre os olhos, as palavras e o mundo, assim reflete: “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos”. Dada a luz poética com que esse grande educador costumava iluminar seus pensamentos em forma de discurso, dificilmente os sentidos possíveis para esses três signos se esgotam. Os olhos podem ser muito mais do que as córneas, as palavras podem ir muito além dos verbetes e podemos conhecer vários mundos, como o mundo das/os educadoras/es.

Nesse mundo, os olhos representam toda a sensibilidade do indivíduo que educa. A/o educadora/or vê não só com os olhos, mas também com os ouvidos e com o tato. Tudo, ao seu redor, é palavra: críticas e elogios, respostas “certas” e “erradas”, perguntas e silêncios, abraços e distâncias, sorrisos e lágrimas. Entretanto, como educadoras/es, nem sempre nos damos conta de respirar tantos significados nessa semiosfera que é a escola e podemos, muitas vezes, ignorá-los. E assim, perdemos a oportunidade de melhorar nossos olhos.

Esta publicação traz valorosas contribuições de educadoras e educadores que aproveitam essa oportunidade e, agora, também nos oportunizam uma melhora do nosso modo de ver a educação. As produções aqui apresentadas trazem a perspectiva de quem aprimorou um olhar pedagógico que, agora, transforma em palavra.

A Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc), por meio da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio, espera que as palavras das/os nossas/os educadoras/es, aqui eternizadas, possam alcançar (e melhorar) os mais diversos olhares. Que esses olhares possam germinar em produções futuras que contribuirão, cada vez mais, com o nosso modo de compreender e de agir neste mundo tão desafiador, que é o da educação.

Ideigiane Terceiro Nobre

Coordenadora da Gestão Pedagógica do Ensino Médio/COGEM

Ana Cecília Freitas

Assistente Educacional /COGEM

Sumário

Prefácio	11
Terreiro	17
Cam	18
Oração para Nosso Senhor Xangô	19
Nzinga, rainha d'Angola	20
Coroação do Rei de Congo	30
Desterro	32
Libertação da Guiné-Bissau	33
Terra sonâmbula	34
13 de maio	35
Pretinhos de Congo	37
Fragmento para uma Teogonia Iorubá	39
Omolu	44
Macumba	45
Fruto de Obatalá	47
Canção de Nanã	48
Zambi Viverá!	49
Poema ao Orí	51

Cantar de meu Pai Xangô	52
Moçambique	66
Desce em mim, meu Deus Orixalá	67
Travessia	68
Para Xanana Gusmão	69
História	70
Oratório de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos	71
Clementina de Jesus	72
Para Solano Trindade	73
Machado de Assis	74
Democracia	75
Casa grande & Senzala	76
Malungo	77

Prefácio

*Para os pretos de mar e terra,
África e Brasil*

Malungo é um livro de poemas negros, sua espinha dorsal é a experiência histórica, mas uma experiência histórica dos homens pretos. Neste livro se encontram versos que ecoam a mundividência africana e afro-brasileira, Malungo é um livro afrocentrado, isto é, numa perspectiva filosófica ele é um livro que trabalha em função de uma agência africana.

É com o pensamento de Molefi Kete Asante que este livro de poesias se irmana, pois na medida que os poemas aqui reunidos procuram evocar os mitos, a religião, a história, os heróis e personagens da história e da cultura africana e afro-brasileira eles agenciam o pensamento para a efetivação de uma crítica ao eurocentrismo e a hegemonia de uma determinada interpretação histórica e cultural sobre a ancestralidade, a historicidade e as sociabilidades negras.

Os poemas aqui contidos remetem ao mundo dos pretos e pretas que ao longo de milênios construíram a história de suas sociedades e civilizações, mas que em determinado momento foram sequestrados por outros povos que chegaram ao seu continente com armas, ideologias e discursos de poder e por meio da violência impuseram aos pretos a escravidão, os padrões de cultura de uma civilização baseada em preceitos religiosos e filosóficos supostamente superiores.

As poesias que compõem o livro *Malungo* são despojadas de lirismo, porque não tratam de emoções nem de afetos privados, são poesias que dialogam com a história e com aspectos da cultura africana em África e no Brasil. Cada poema fundamenta-se numa perspectiva afrocentrada, isto é, parte do pressuposto de que a democracia será sempre um projeto incompleto caso não venha a assumir-se também como um projeto democrático antirracista.

As reflexões que permeiam cada verso, cada estrofe, cada canto contido em *Malungo* podem tornar o livro árido, e assim ele foi concebido, isto é, foi uma obra gestada para não ser apenas literatura pela literatura, mas para assumir um compromisso político diante da cultura e da historicidade desses povos colonizados e recolonizados do sul. Não se procura em *Malungo* conceber novíssimas ideias filosóficas e epistemológicas para pensar a história e a cultura africana e afro-brasileira, mas antes objetiva-se dialogar com aqueles que vêm permanentemente construindo essas reflexões que estão há algumas décadas impondo uma nova maneira de pensar a África e a negritude.

Malungo dialoga com o pensamento de Achille Mbembe, Frantz Fanon, Kabengele Munanga, Abdias Nascimento, Ney Lopes, pensadores negros que levantaram reflexões que ecoam nos poemas deste livro. Como uma obra de poesia *Malungo* dialoga também com poetas, e foi esse diálogo com os poetas que fez possível os cantos que aqui vão reunidos.

Este livro nasceu diretamente inspirado em Jorge de Lima e seus *Poemas Negros*. Poesias como *Xangô*, *Exu Comeu Tarubá*, *Maria Diamba*, *Zefa*, bem como toda a coletânea de poemas com temática africana e afro-brasileira do poeta alagoano muito influenciaram a composição destes poemas. Sem dúvida, não

somente o Jorge de Lima dos Poemas Negros influenciaram as composições de Malungo, todo o livro remete a Jorge de Lima, remete a obras suas como: *Tempo e Eternidade*, *A túnica inconsútil*, *A invenção de Orfeu*. Seria injusto não pagar o tributo devido ao poeta que tanto influenciou na tessitura destes poemas de Malungo.

Há também neste livro influências de João Cabral de Melo Neto principalmente na sua ideia de contenção e de poema narrativo, Murilo Mendes também se faz presente com a sua ideia de metáfora didática, sua proposta de frase surrealista e seus poemas prosaicos. Assim, Malungo dialoga com filósofos e poetas que foram significativo para minha formação intelectual e literária.

O livro Malungo abre-se com um pedido de licença ao poderoso Exu, assim como se é habitual fazer-se nos terreiros de candomblé antes de se começar os trabalhos, faz-se uma oferta a Exu para que este se permita abrir os caminhos. Em seguida aborda o mito brasileiro da redenção de Cam, bem expresso na famosa tela de Modesto Brocos do final do século XIX. O livro prossegue com um poema narrativo que conta a história da rainha Ginga de Angola, a guerreira negra que comandou a resistência dos bantos contra o colonialismo português e europeu na primeira metade do século XVII. O poema procura narrar a história do Império Congo e Manicongo desde o século XV quando estava no seu auge até as guerras de Ginga contra os colonizadores.

Os poemas seguintes do livro são: "Coroação do Rei de Congo", "Desterro", "Libertação da Guiné-Bissau", "Terra sonâmbula", "13 de maio", em todos eles procura-se fazer homenagens as lutas africanas e a elementos da cultura africana e afro-brasileira. "Desterro" é um poema em homenagem ao maravilhoso poeta Cruz e Sousa, "Coroação do Rei de Congo" é uma

celebração do reinado do mestre Doca Zacarias, rei dos Pretinhos de Congo do município de Milagres-CE, volta-se a homenagear esse mestre e seu séquito mais adiante no poema "Pretinhos de Congo". "Libertação da Guiné-Bissau" e "Terra sonâmbula" refletem sobre a história das lutas anticoloniais e de descolonização da África e suas nações. "13 de maio" é um poema refletido a partir da crônica "Pancrácio" publicada por Machado de Assis em 14 de maio de 1888.

Nos oito poemas que se seguem aborda-se principalmente temas da religiosidade iorubá. "Fragmento para uma Teogonia Iorubá", "Omolu"; "Macumba", "Fruto de Obatalá", "Canção de Nanã", "Zambi Viverá!", "Poema ao Orí", "Cantar de meu Pai Xangô". Todos são poemas cujo fundamento é a cosmovisão iorubá, salvo evidentemente a poesia "Zambi Viverá!" que é um eco de Jorge de Lima e remete ao herói negro brasileiro divinizado nos nossos terreiros. O Fragmento para uma Teogonia Iorubá é um poema sobre a criação, como tantos outros povos os iorubás também tinham sua explicação para a criação do mundo, este poema reflete sobre isso. Os outros poemas são celebrações aos deuses dos terreiros, aos deuses do panteão iorubá. Destaca-se entre esses deuses, o deus-herói Xangô. Há no livro Malungo um longo poema em vinte e dois cantos dedicados a história de Xangô, às suas peregrinações sobre a terra, à sua divinação, às suas guerras e combates contra inimigos e contra si mesmo. Antes desse "Cantar de meu Pai Xangô" há ainda um outro poema em homenagem a este deus. No começo do livro há a "Oração para Nosso Senhor Xangô", que é um poema dedicado ao poderoso Xangô sincretizado em nossos terreiros. A religiosidade iorubá ainda será invocada no poema "Desce em mim, meu deus Orixalá". Todas estas poesias invocam a nossa ancestralidade e nossa cosmovisão preta do mundo e das coisas.

O livro prossegue com poemas que remetem a história da África, principalmente da África atlântica e austral, há também poemas em homenagem aos heróis negros que lutaram pela libertação dos pretos e pretas que durante séculos foram oprimidos pelo colonialismo e a escravidão imposta pela branquitude. Pessoas como Eduardo Mondlane, Xanana Gusmão, Samora Machel, Solano Trindade, Machado de Assis e a sereia negra, a quichimbi, Clementina de Jesus são homenageadas por serem nomes negros que impuseram à branquitude a genialidade do povo preto sobre a ideologia das raças eurocêntricas. Há também uma seção de poesias sobre a história do negro no Brasil, das suas lutas para construir uma nação antirracista.

O livro termina com o poema que lhe dar título, "Malungo". Malungo era o companheiro de embarcação, era o companheiro que era embarcado a força no mesmo navio que traficava seres humanos da África para a América onde seriam escravizados. Malungo era o companheiro de lutas e travessias, das lutas contra a violência, a opressão e a escravidão que era preciso empreender a partir do momento que se era embarcado forçado nos navios dos traficantes de pessoas. Malungo é o lutador pela sobrevivência de si e de suas identidades.

Assim termina o livro cujo principal objetivo é cantar e refletir sobre as vivências da negritude ao longo da história africana e afro-brasileira.

Carlos César Pereira de Sousa

TERREIRO

*“ – Laroyê Exu!”
Vos ofereço o que trago:
Quibebe, quitute, dendê,
Meu bode, meu galo,
Cigarro de palha,
Garrafa de pinga,
É pra te pedir licença
Meu deus Odará.*

Mojubá! Mojubá!

CAM

Para meu pai Francisco, morto aos 60 anos e a quem não tive tempo para amar.

*§ - Meu pai, eu sou carne da tua coxa,
Filho da tua esposa, irmão dos teus filhos.
Acolhe-me, chama-me para teu peito.
Por te amar mais, quis te conhecer
Nu e humano como um homem.
Por te amar mais, vi-te como és –
Teu corpo já antigo, finito, previsto.
Vi-me em ti meu pai, perdoa-me,
Perdoa-me conhecer como é o homem.
Tens língua para falar ao céu?
Tens voz para urgir, gesto para impor?
Abre-me tua casa meu pai,
Também tive filhos, tua descendência,
Também de mim viverá uma nação.*

ORAÇÃO PARA NOSSO SENHOR XANGÔ

*Meu pai Xangô, pai antecedente, pai ubíquo,
Deixo a porta aberta, a chave na tua mão,
Sou teu sopro, tua pedra, tua bujarda,
Me modela numa forma de homem,
Me custodia na tua balança, no malho da justiça,
Me pacifica num leão manso a teus pés,
Me toma por dentro, me toma por fora,
Me carrega nos teus braços abertos para acolher-me,
Caldeia a dor que cresce em mim,
Cinde-me, Senhor dos Muitos Raios,
Para que eu me reparta em amor de entrega
Em mãos que se distribuam multiplicando os peixes e os pães,
Mas ainda mais meu soberano do ígneo Oxê,
Permite que eu seja a rocha em que te assentas na terra,
Tua clava que ergues contumaz e constante
E vence com ela as sarças, os espinhos, as intempéries,
Impondo sombra aos cansados,
Refúgios aos perseguidos,
Abrigos aos que vêm do campo, pés escalavrados.
Assim terei servido na tua messe,
Terei me abrigado sob tua coroa veraz,
Serei teu filho conduzido,
Teu filho restituído,
Serei de Xangô,
Serei de Oxalá.*

NZINGA, RAINHA D'ANGOLA

1. *Decifremos.*
Decifremos a terra sonâmbula.
Decifremos a argila do homem.
Decifremos a mulher que fez o homem.
Montanha acima – a pedra que o homem carrega,
Isto decifremos.
Não é a fera, mas a mão dos irmãos que nos abate.
Decifremos essa mão que pesa-nos.
Pesa-nos porque reivindica.
Reivindica nossos corpos,
Seara, lobos a cultivam.
Reivindica nossas almas,
Desclassificada lavra.
Reivindica nossos deuses,
A areia dos nossos rios
Nossas aves do ar, nossos peixes da água.
Tínhamos irmãos.
Escalavraram suas mãos.
Tínhamos filhos.
Mataram a fome ao leão.
Mas tínhamos campos, rebanhos.
Queimaram nos seus navios.
Ao filho entregaram a cabeça do pai.
Ao irmão serviram o sangue do irmão.
Trouxeram correntes,
Também pólvora, papel e cruz.

*Fizeram tratados.
Dividiram terras nos mapas,
Cortaram pedras, abriram o ventre da terra,
Plantaram a guerra,
Arderam muitos, irmãos contra irmãos,
Os pais contra os filhos.
Cresceu a noite entre nós, separação e sono atroz.*

2. *Agora começa meu reinado.
Reinarei nesta terra órfã
desde onde ela começa
Até onde ela termina.*

*E não terei rei no meu quilombo,
Paliçada de tributos.
Guarda-o minha lança,
Minha palavra hostil.*

*A cruz se vier eu a tomo,
Sirvo-me como sempre serviu aos reis,
Insígnia de embaixada,
Predecessora de sangue.*

3. *§ - Ideia de uma mulher habita em mim,
Ideia de verruma, espessa, erétil.
Principia num tempo antecedente,
De uma outra caminhada, submersos passos,
De uma outra lua, longuíssimas águas.
Vem como faca, vento táctil,
Verga, submete, impõe-se aos ossos,
Verte-se em cutelo, custódia, barço.*

§ - Era um Rei-Ferrageiro Antigo,
Conto a memória urdida.
Durante anos existiu entre nós,
Transfundia o ferro – doma de fera,
No fogo, tecia-o, primeira flor,
E do aço crespo cerzido,
Sob suas mãos cunhado,
Veio ao mundo Jingola.

§ - A torrente desceu a montanha.
Rolou a pedra que a detinha.
Trouxe as sementes guardadas,
Lançou-as na gleba pródiga, ávida.
Receberam o calor, o afago viril,
Medraram as que não eram trevas.
Então clamor de frutos na terra.
Então clamor de peixes no rio.

§ - Transmutação do céu:
Vem o sol e vem à chuva,
Veste o campo, veste o ar,
Revela a flor, revela o pão,
Ovo glabro e albumina,
Leite incandescente, serôdio,
Nutre o homem, nutre a mulher,
Operária nutriz – concedida.

§ - Era caminho contrário,
Mas seguiu sinais de rota,
Vencer mais lhe cabia,
Ninguém sabe se a manhã,
Traz couraça, ternura ou ira.

*Recebeu a cruz, um livro,
até pólvora para queimar,
de aliança muitos anéis.*

*§ - Caiu não foi vencedor,
Sua sombra se ocultou no rio,
Morreram seus ossos, sua memória,
Perdeu guerras, perdeu filhas,
Saiu vencido, não foi vencedor,
Quem o herdou, manteve-o oculto,
Seu nome nunca vingado,
Mais que silêncio – o esquecido.*

4. *Senhor! estou a tua margem,
As águas estão paradas
E o rio dorme. Restituo-me!
A solidão escutará meus gemidos.*

*Tu és Nzambi, o antes do tempo.
Eu sou poeira, folha jacente,
Antes de chegar aqui, não te falo,
Quero licença, sou muito pequeno.*

*Sou pequeno, mas teu tamanho
é tão vasto, lato, que és tudo que é.
Por isso minha língua se move e te fala.*

*Te fala deste teu povo Nzambi.
Te fala da noite que nos abate.
Te fala da clava que nos golpeia,
Te fala lamentos, caminhos contrários.*

5. *Quando cessará esta noite,
Quando voltará a alva, Kalunga?
Minha terra está amarga,
Meus irmãos estão feridos.*

*Há quantos séculos sonâmbulos
Dormimos tão longa noite infinda?
Minhas mãos estão paradas,
Minhas armas estão vencidas.*

*Me ouves? Me vês? Me guia os passos?
Angola! Teus filhos caíram, hoje és cativa,
Amanhã, eu vejo! Estrela, machete e roda
em campo negro e céu tinto.*

6. *Agora que Deus nos deu naus,
Quilhas, sextante e astrolábio,
Agora que temos cartas náuticas,
Mapas de terras cobertas e descobertas,
Agora que Deus nos deu bulas,
Dividamos o mundo justamente entre iberos –*

*Para o levante Deus dá terras pra Portugal,
A outra metade fica com Isabel e Fernão.
Ficamos com África e com a Índia Oriental,
Do legado de Adão ficamos ainda com uma terra
Trezentos e setenta léguas oeste de Cabo Verde
Pra descobrir em domingos de pascoelas.*

*Ainda mais herdamos deste quinhão:
Terras do Cabo Não e abaixo,*

*Costas da Guiné até margens do Congo,
Terras de nosso senhor Afonso, o quinto.
Habitada por uma gente preta, sem alma,
Cam que Deus nos deu por escravos.*

*Não é uma gente de humana alma,
O corpo que habitam é só matéria,
Nariz grego e tez romana não as têm,
Nada que lhes dê a graça da semelhança empírea.
Prevalece-lhes a força não o espírito,
Aproveitando-lhes os copos se terá feito tudo.*

*Lhes damos panos, tabaco, cachaça,
Nos dão seus filhos, seus irmãos, suas mulheres,
Escambo propício, mais o procedemos.
Guerras que nós plantamos – nelas combatem,
Reis que nós impomos – neles se submetem,
Cruz que nós erguemos – nelas se transfixam.*

*Seus deuses são uns manipansos
De terra, de pau, de pedra lisa,
Dão alimento, dançam pra esses ídolos.
Chamam por tantos nomes inúteis,
Mutalambô, Kavungo, Nzumbá,
Não têm igrejas e seus deuses se cobrem de pó.*

*Uns são ferozes canibais, Jagas, Lubas,
Cozinham seus filhos, repasto que eles comem.
Temba Ndumba eles seguem e suas leis Kijilas,
E o que é proibido nelas não fazem, cumprem.
Mais que qualquer deus põe-na acima,
Rainha e mãe Quilombo, mais que eles, menos que Kalunga.*

*O sol é tão ali perto que queima a terra,
Que queima os homens, que cresta o ar,
O ar mesmo é de vidro, quase sílica.
As tardes calcinadas terminam no mar,
Nunca que ali chegou o dilúvio,
Uma terra que Deus perdeu, não quis lembrar.*

*Convém enumerar ainda mais isto:
Uma rainha que eles tinham – que demos um nome,
Ana de Sousa por batismo que recebeu.
Em São Paulo de Loanda cidade nossa, quis a cruz,
Ofertamos a joia gaia, beijou-a muito cavilosa,
Quando partiu soubemos – Leoa percutida.*

*Veio com a guerra quando tínhamos a paz
Que por tão pouco trocávamos – uns lotes de escravos,
Uns veios de prata, tantos feixes de marfim,
Muitas peças de ouro, a submissão a Cristo,
O avassalamento ao Reino Ibero,
Enfim essa coisa sem monta – escrava de nosso rei.*

7. *Esta terra não é serva,
Esta terra não é empreita,
Não é gleba funerária,
Nem campo relativo.*

*Nesta terra estou plantada,
Raiz, caule e semente,
Nesta terra estou imota,
Enredada à pedra erétil.*

*Venha o tigre, venha à hiena,
Respondo com urro glabro,
Leoa erétil percutida,
Matamba quem me habita.*

*Trouxeste vosso livro,
Vosso deus, vosso rei,
Trouxeste vossa guerra,
Vossa lei, vosso comércio.*

*De vós me fiz hostil,
Armei meu peito,
Minha fala sagitária,
Da madeira de vossa cruz*

*Fabriqueei lanças e clavas,
Conduzi homens perenes,
Quebrei seus mastaréis,
Agora vosso rei insone.*

*Voluta mesmo é a guerra,
Cobre cabeças, expande memórias.
A paz não é vil metal,
Nem câmbio de carne humana.*

8. *A leoa é que é,
É que é o leite,
Fruto preclaro,
Ancha seara.*

*A leoa é que é mãe,
Veiga favorável,
Messe e sal,
tudo que é nume.*

*A leoa é em si,
Madeira matriz,
Peitos, pão,
mel suberoso.*

*Vem no vento,
Caminha no céu,
É ave plúmbea,
Torrente erétil.*

*Penetra a terra,
Gala a semente,
Nasce em flores,
Verte-se em fruto.*

*Oferta-se grávida,
Espesso ventre,
Súcubo e manancial,
Anterior ao corvo.*

9. *Esta noite já é tão longa
mais parece a morte infinda.
Meus rios empalamados
sem a esperança da lama obesa.
A terra estéril, siliciosa
impõe sua cal desfolhada.*

*Meus guerreiros deportados
grilhões serpeiam seus corpos.
Em minhas filhas desoladas,
Secam o ventre, cortam o seio,
Seu leite alimenta as bocas da Hidra.
Vinde alvas de sol sanguíneo,
Eis que a morte é branca, corrosiva.
Cinco séculos não dormimos
troando adagas contra a morte
e machete em punho rijo.
Muitos se reabilitarão no próprio sangue,
Deixarão seus corpos insepultos,
Mas seus filhos saberão que morreram livres
e outros filhos virão e morrerão ainda
sob constelações e faixas de sangue.
Ganga caminhará nos campos,
Coroará cada soldado, cada herói tombado
de gládios e rosas, das insígnias de cada pátria
bordadas nas forjas das batalhas.
Então eu vejo os homens nas cidades livres,
Nos braços dos irmãos em pleno dia.
Eu vejo à tarde adulta e a liberdade prenha,
Eu vejo Mandela levantado do chão,
Eu vejo Agostinho, Machel, Nkrumah,
Desenredarem grilhões,
Fundar pátrias, deserdar naufragos.
Eu vejo prenúncio de alva, ainda inconsistente manhã,
Preparar o homem para ser irmão do homem,
Preparar o pão pra cada boca, cada fome,
Passai heróis, sois de ferro e a guerra avara.*

COROAÇÃO DO REI DE CONGO

Para Mestre Doca Zacarias, o último Rei de Congo de Milagres-CE.

*Seja o nosso rei coroado,
No seu trono, no congado.*

*Este nosso rei tem rainha,
Tem corte e camarinha.*

*Deus prepara sua cabeça,
Sua coroa ele mereça.*

*Este nosso rei traz embaixada,
Traz ouro, prata lavrada.*

*Traz presente pro altar-mor,
Séquito brincante de valor.*

*Será nosso rei no seu reinado,
Governa o pendão sagrado.*

*Este nosso rei foi escolhido,
Seu reinado presumido.*

*São Cosme, São Damião,
Ostenta no seu brasão.*

*Este nosso rei é rei guerreiro,
Ginga no nosso terreiro.*

*Traz figa, rosário e oração,
Entra nas casas em contrição.*

*Será este nosso rei unguido,
Na Mãe Divina reconhecido.*

*Este nosso rei chegou do mar,
Nesta terra de cá veio reinar.*

DESTERRO

Ao meu amado João da Cruz e Sousa

*Na pele que habitas
Desterrado e sofismável,
Teces música indômita,
Tua afra cruz,
Halo do teu canto.*

*Negro vil, escória malsã.
Faz versos, sabes latim?
Ventre preto te concebeu!
“Servo dos servos” é que és,
Não te redime teu Baudelaire.*

*Houve em vós projeto insano,
De conceber liberdade,
Mas a música que se vive,
Não é o ouro que se lavra,
Súcubo, encontras a morte.*

LIBERTAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU

*Solo irredento e calcado,
A tua bandeira está rota,
E teu herói está tombado,
Mas não foi ainda vencido.*

*Vejo o sangue deste teu povo
derramado, tinto nos campos.
Vejo o sangue deste teu povo
ígneo, queimando mastaréus.*

*Venham chacais hiperbóreos,
Abrir suas bocas, suas metralhas,
Que estas mãos dadas, feridas,
São muralhas, também sepulcro.*

*Venham os vorazes Cordeiros,
A glória antiga e paz vendida.
Morrerão os filhos, os irmãos,
E tinto o céu, fulgirá nova estrela.*

TERRA SONÂMBULA

Para meus irmãos de África e lutas

*Esta terra ainda mal desperta,
Deitada em leito de cardos,
Inquieta, sonâmbula na noite vil.*

*Esta terra ainda mal liberta,
Que a violaram deuses bastardos,
Não sonha com o ancho abril.*

*Esta terra ainda mãe incerta,
Órfã de seus filhos caídos,
O seu sangue não a remiu.*

13 DE MAIO

*É a festa da abolição.
Batuques, congos, xangôs,
Irmãos de São Benedito,
Estandartes, coroas de latão,
Corte de Moçambique,
Preto velho Pai João,
Mãe Preta turina mater,
Direito no papel, no corpo não.
Foi um baile imperial,
Convidaram muitos brasões:
Muita valsa de Viena,
Casacas, vestidos de tule,
Château, galantina de jacu.
Mijaram no penico de ouro,
Cagaram no urinol de prata,
Na manhã de catorze de maio,
Negro livre teve que limpar.
E Foi limpando pelo século,
Perdendo o couro no açoite,
Mercando a carne barata,
Morrendo um pouco por dia,
(Povoando cemitérios gerais.)
Sol da liberdade ainda não raiou,
A luta revogada no interregno,
Volta a arfar no peito dos heróis.
Vigilantes os homens caminham*

*Sobre a terra púbere e silente,
E o vento que já açoita o cedro,
É o Siroco que transfigura,
É o troar de urucungos no escuro,
É o ganzá, afoxé e agogô,
São os homens levantados,
Trazem nas mãos a palavra negada,
Sua pele como bandeira,
Seu sangue inscrito na história.
Ninguém sabe de onde vêm,
De Palmares, do mar de anil?
De Matamba, do Cafundó?
Lavram a aurora, sólida manhã,
No seu gesto, inscrita a palavra irmãos.*

PRETINHOS DE CONGO

Para Ana Maria Nunes da Silva, minha amiga e negra de lutas.

*Ô Pretinhos de Congo
para onde vai?
Vamos pro Rosário
Vamos festejar!*

*Mestre Raimundo
Príncipe comandante,
Infunde o cante,
Infunde a dança,
Levanta a marcha,
Desata a promessa –
Ô Pretinho de Congo
Para onde vai?*

*O exército encarnado
Da Santa Senhora,
Que vem comandado,
Que vem bem armado,
Responde logo
Pra quem o guia –
Vamos pro Rosário
Vamos Festejar.
General do Rei Congo,
Capitão no arraial,
Mestre Raimundo
De muitas loas,*

*Quer saber deste seu povo
Que o segue na procissão –
Ô Pretinho de Congo
Para onde vai?*

*O Quilombo que é guerreiro,
Já no terreiro paramentado,
Manto tinto, fitas e contas,
Rosário e espada na mão,
Canta benditos, faz louvações.
Dá à resposta pro Espantão –
Vamos pro Rosário
Vamos Festejar.*

*De Mestre Raimundo
Vem novo mando –
Servir não ser servido,
Guardar não ser guardado,
Não julgar e ser julgado,
Riqueza não é reinado,
Honra de rei é ser soldado,
Ser povo livre, nunca vencido.*

FRAGMENTO PARA UMA TEOGONIA IORUBÁ

Para Ana Maria Nunes da Silva, minha amiga e negra de lutas.

- 1. Eu também vou cantar todas as Moças,
Eu também vou dançar para todas as Moças,
Quero ser das Ayabás – servo – filho acolhido.
Vou esposar as folhas, os bichos, a virgem mata,
Vou curvar-me ao temporal e ao vento infenso,
Montar no cavalo da Rainha, ferir-me no seu punhal,
Mamar nos peitos dadivosos e dormir no regaço da Lama,
Vou ter sede da água da Moça e sonhar no colo de Oxobô,
Pois quero existir nas Ayabás, no canto da Ondina,
Só quero repousar nas Ayabás, habitar nos seus poemas.*
- 2. E o mundo começou –
Com Olorum e sua saliva.
E luziram estrelas antecedentes
E foi assim o primeiro céu.
E vieram as águas umbrosas
E se recolheram no mar.
E chegaram outros Santos-Funfun
Cinzelados no hálito do Orum.
E chegou também Obatalá,
E era um deus jungido,
Oduduwa quem o habitava,
Do mesmo ventre proscritos.*

3. *Do mesmo pai, da mesma matriz,
Placentários, mas descontínuos,
Obatalá quem íncubo, prevalecia.
Súcuba era Oduduwa, pevide,
Mas era um ser incontido, feminino,
Nunca aquela que expectante – fluiu-se!*

4. *Congeminado
No céu empíreo,
Olodumaré
O cognominado,
Estatuiu-me
Essa demanda –
Deu-me o grão,
Puro cristal,
Areia lavada,
Argila bruna,
Para semear
As geografias,
Para compor
Futuros mapas,
O subsolo,
O supersolo,
O mineral,
E o vegetal.
Pra engendrar
Terra vulgívaga,
Noiva armilar
Deusa turina
De peitos negros,
Prônubo leite.*

*

*Voz do Ifá
Clarividente –
Leva quibebe,
Leva dendê,
Leva farinha,
Leva quitute,
Leva tarubá,
Faz um Ebó,
Unto pra Exu.
Pede passagem
Calunquinha dá,
Dizque é Obatalá,
Dizque é Oxaguiã,
Diz mais – é sete
Setenta e sete,
Sete pedrinhas,
Sete estremo,
Sete espadas,
Sete facas, sete
Encruzilhadas,
Pemba e Ogó
É de Odará
Mas serventia
Pra Orixalá.*

*Todavia
Escutai-me –
Leva embornal,
Leva Apaxorô,
Levará também
Ave paráclita*

*Para compor
As geografias.
Polidactilia
Agibonã
Especificará
Terras emersas,
Ilhas estanques,
Mapas efêmeros
E o chão íncubo.
Não aceites sombra,
Nem sede ardente
Do sumo da palma.
A contar de hoje
Para adiante
Serão outros teus
Nomes preclaros:
Ayrá Trimegisto e
Senhor-do-bom-fim.*

5. *Deste caminho de Oxumaré
Vejo a superfície das águas,
Nada que as habite, nada que as povoe,
Onde o terceiro elemento?
Onde a terra virente?
Vejo-a incriada, incúria de Obatalá.
Deste-me meu pai a diligência,
Já vos teria imposto forma,
Já vos teria infundido geografia,
Já vos teria concedido o sólido.
Sou feminina e governo a semente,
Assimilo o chão, assimilo o vegetal,*

Presumo formas que me habitam.

Dá-me meu pai, diligência –

Oduduwa quem sou!

Comporei mapas ingênitos,

Urdirei cardumes de seres,

Semearei pródigos campos,

Engendrarei incubos vales.

Dá-me meu pai, diligência –

Serei grelo, rizoma, raiz arquétipa,

Serei a lama primigênia,

Serei zoófila e também mineral.

6. *Estou sentada no horizonte
E vou distribuindo da argila,
Adié quem asperge –
Mas Onilé quem funda.*

OMOLU

*Aquele que nasceu da Terra,
Aquele que bebeu do Mar.
Aquele que se cobriu de feno,
Aquele sol imenso, vasto olho.
Pai primigênio, mãos antecedentes,
És fogo, és forja, boca ígnea,
és pranto, és meigo e és deus.*

Pai Baluaê, atotoó Seu Xapanã!

MACUMBA

*Na gira d'Ogum
Exu pede licença,
Na casa d'Oxalá,
Exu já vai chegar.*

*- Lá vem à chuva,
Lá vem o sol,
Abre essa porta,
Meu deus Odará.*

*Pemba te convoca –
Signo Salomão,
Garfo, nó, caveira,
Cruz, figa, bastão.*

*- Lá vem à chuva,
Lá vem o sol,
Abre essa porta,
Meu deus Odará.*

*Ribomba o tantã,
Já chega o Manco,
Já chega a Falange,
Viramundo, Ventania.*

*- Lá vem à chuva,
Lá vem o sol,
Abre essa porta,
Meu deus Odará.*

*Já desceu o Sete-estrela,
Já chegou o Sete-estradas.
Já desceu o Sete-punhais,
Já entrou o Sete-capas.*

- Laroyê Mavambo!

FRUTO DE OBATALÁ

*Vim da espuma das águas,
Vim dos recessos da terra,
Dentro dos ossos, memória
do princípio desde o começo,
quando as eras não se contavam,
e o tempo que passava
não afligia os velhos,
nem dava de pensar na morte.
Quem se consumia,
Não pensava – sou carne,
Não sou espírito.
Vim com a primeira argila do mundo,
Das mãos de Oxalá,
Fui criado, não comecei nunca.
Obatalá quem me trouxe,
Me ungiu a cabeça glabra,
Me habita, se deita comigo,
Dorme no meu sono,
É meu pai.*

CANÇÃO DE NANÃ

*Sou a terra meretriz –
Me rasgam, me semeiam,
Me colhem frutos sãos,
Me largam nua, me despenteiam,
Me calcam com a planta dos pés.*

(Cedo o barro e cedo à linfa.)

*Sou a mulher, sou nutriz –
Sou a mãe incestuosa.
Engendro filhos, engendro netos,
Com a carne da minha carne coabito,
E alimento os filhos e os amantes
com os meus peitos.*

(Sou a deusa indecorosa.)

*Nanã Buruquê na lama do mangue,
Nanã Buruku na lama do rio,
Anamburucu no grelo da vida,
Traz jasmim, traz bogari,
Salubá! Salubá!
Traz teus ossos pra descansar.*

ZAMBI VIVERÁ!

Para minha filha Florbela, negra como um por de sol.

*Avós dos meus avós –
Já na barca, já no mar,
Estrelas no céu,
Ventos no ar,
Navegar navegar.
Rotas de leste,
Mapas de desencontro,
Pela fé de Zambi te digo:
- A guerra vai começar.*

*Pais dos meus pais –
Sulcos da terra,
Ossos do chão,
Ventre da lama,
Prenhez do fruto,
Saliva erétil,
Útero matriz.
Pela fé de Zambi te digo:
- A guerra vai começar.*

*Irmãos dos meus irmãos –
No tempo sem fim,
Do começo sem princípio.
De onde Ele veio não vindo?
Para onde vai que não chega?
Aonde chegamos que não aportamos?*

*No hoje que começou ontem, é a hora.
Pela fé de Zambí te digo:
- A guerra vai começar.*

*Filhos dos meus filhos –
Cresce a noite,
Mas somos o dia,
Serena a promessa de alva,
Mas somos a tempestade,
Somos o raio,
Incendemos o céu.
Pela fé de Zambí te digo:
- A guerra vai começar.*

POEMA AO ORÍ

Para minha filha Florbela, negra como um por de sol.

*Creio na palavra,
Mas não na palavra Deus,
Pois vim de muito longe,
E não trouxe cruz.
Também não tenho mãos feridas,
Nem pés escalavrados,
Minha boca não come trigo,
Meu sangue não purifica.
Porque sou da raça dos homens,
dos homens escuros,
dos adoradores do Orí,
 batalá quem me habita,
Quem vive na minha argila.*

CANTAR DE MEU PAI XANGÔ

(O Machado de Xangô)

1. PONTO

*Meu pai reina lá pedreira,
Reina no ar, reina na água,
Meu pai reina na terra inteira.
- Xangô! Xangô! Kaô Xangô!
No céu a lua cheia vagava,
Caía, escorria nas pedras,
Crescia o silêncio na mata,
Sonhava o leão na treva.
- Xangô! Xangô! Kaô Xangô!
Escuto o baque no ventre da serra,
Machado alado, clava de fogo,
Clangor de ventos, fúria libertina,
Raio, cinzel, pródiga legenda.
- Xangô! Xangô! Kaô Xangô!*

2. EPIFANIA

*Olhai lá na pedreira,
É o general, é o capitão.
Seu olho é duro, é faca,
Seu braço é rijo, é buril,
Sua voz é libra, é chama.*

3. *DOIS IMÃOS*
Forja de Ogum:
Elmo, couraça,
Espada e arçãõ,
Aprestos da guerra.

Casa de Oyá:
Cabeleira, requebro,
Gamela e amalá,
Dengo pra Xangô.

Amor incendiado,
Surdo, revoltõ,
Esfuma laços,
Impõe treição.

Ogum colaço, Ogum
Logrado. Xangô
Funesto, Oyá
Fugaz, intermitente.

4. *AIRÁ*
Eis o fogo desdobrável,
Corpo meu ubíquo.
Eis a chama perene,
Língua minha aflitiva.
Eis a brasa indomada,
Olhos meus imiscíveis.

5. *AGANJU*
Antes dos elementos,
Antes do que preexiste,
Antes do Hiperurânio,
Bem antes dos reis,
Dos sábios e Zoroastro,
Antes do deus na cruz.
Sou primevo e não urdido,
Existente e não nascido.
Perene, presido o tempo,
Incendido, presido a terra,
Árbitro, amparo o caído,
Pai, sou miscível no filho.
Sou também unguento,
Ogiva e coluna, sou pilar,
Pedreira e fornalha,
Sou o justo custódio,
Sou cutelo e baraço.
E sou ainda como os deuses
da teogonia, sou legenda,
Varão assentado à direita.

6. *OCHÊ*
Trovão riscou a noite,
Raio fendeu a pedreira,
Ouvi a ira de meu pai,
Brandir de fúria tangível,
Sanha de sua alcateia,
Clangor no ar violado.

Ouvi, ouvi, ouvi açoites,

*Cavalgada de Badé,
Troar de cachoeira,
Grito no oco do pau,
Clamores, conjuros,
Medos insuspeitados.*

*Machete, espada de Xangô.
Só lâmina, corta e libra,
Só lâmina, lima e calcina,
Só lâmina, abate e levanta.
Machado riscou a noite,
Parúsia, meu pai alado.*

7. **ORÁCULO**

- Ouvi minha língua Baru, assim fala o Ifá:

*Começarás fazendo a guerra,
Teu exército cairá exangue e vencido,
Angústia do pé, voltarás ao homem que és,
Empunharás teu machado xifópago,
Percutirás o fogo e o raio, gládio e balança.*

- Ouvi minha língua Baru, assim fala o Ifá:

*Chegarás a ser rei, general conquistador,
Inscreverá teu nome nas antiquíssimas lendas:
Aníbal, Sundiata, Amílcar e Xangô.
Espíritos de impuro branco te perseguirão,
Te ampararás na mulher vestida de vento e rio.
A mulher te servirá em baixela de prata,
Mas comerás no cocho dos simples.*

- Ouvi minha língua Baru, assim fala o Ifá:

*Antes de tudo serás temido como um deus irado,
Mas te amarão com o temor dos submissos vencidos,
Conspirarão contra ti os teus filhos, teus generais,
Serás destronado, patético te imporão corda e laço,
Sete dias, sete noites o vento te achará na figueira,
Amanhecerá teu corpo ressuscitado no Orum,
Voltarão e te anunciarão da raça do Eterno,
Transfundido serás enfim Senhor do Bonfim.*

Escrita de Oxalá, livro de Orumilá.

8.

COROA

*Dadá, Dadá,
UM te fez nascer
Semente na terra,
Animal marinho,
Pedra de ferro,
Peitos de turina.
Acolheu meu pai,
Xangô Okanani.
Esse de tu mesmo,
Tua cabeça,
Teu ventre,
Teus membros,
Teus cabelos,
Ossos, sangue e carne,
Também teu sexo,
Teus pelos pubianos.
Mamou teu leite,
Bebeu tua saliva,*

*Sentou no teu regaço,
Te nomeou madre,
Te osculou na boca.
Esse que não te nasceu,
Mas que tu és nele,
E coroa-o de rei,
E arma-o de general,
E unge-o de santo.*

9. *XANGÔ*
*Toma-me,
Vem sobre mim,
Assume minha carne,
Liquefaz-se no meu sangue,
Arde no meu espírito,
Queima-me.
Sou madeira,
Comburente matéria,
Alimenta em mim tua chama.
Sou iluminado,
Não imune ao teu incêndio.
Vêm como raio,
Temporal diluviano,
Fúlmen abate-me,
Arde em mim Xangô.*

10. *VENCEDOR*
*Quando ele veio,
Veio dentro da noite,
No meio da tempestade,*

*Veio na carreira do vento,
Cavaleiro atrás de demanda.
Trazia punhal de bronze,
Machete, escudo, fuzil,
Cavalgando no ar inflamado.
Roteiros da besta no chão,
Roteiros da besta no ar,
Leviatã ouviu o estrondo,
Sete pedreiras subiu,
Sete cachoeiras cruzou,
Entrou no oco do mundo.
Xangô ouviu o mar,
Leviatã não estava no mar.
Xangô ouviu o rio,
Leviatã não estava no rio.
Ouviu também a mata,
Ouviu o céu e o raio da lua.
Leviatã na terra-longe,
Consumia os rebanhos,
Secava o leite das mães,
Mascarrava o pão,
Infundia à peste,
Infundia à seca,
Infundia à fome.
Xangô que é pai,
Veio, cimbrou a fera.*

11. *ALAFIN*
Já foi capitão,
Já foi general,
Venceu tantas

*guerras, vincou-se
de cicatrizes,
Riscando a noite,
Arrebentando
Pedreiras.
Já foi figueira,
Céu incendiado,
Já foi juiz,
Santo Custódio.
E agora é Xangô,
Agora ele reina.*

12. *OyÓ
Geografia vulgívaga,
Oraniã quem te sonhou,
Quem te impôs mapas,
Infungíveis cartografias.*

*Solo, chão andrógino,
Dadá quem te semeou,
Quem te tomou nubente,
Glabra, pródiga seara.*

*Paisagens insurgentes,
Xangô sobre ti foi rei,
Quem te deu vassalos,
Íncubo, duro império.*

13. *TRANSFIGURAÇÃO
Deus tangível,
Sem beijo doloso,*

*Sem cruz ou sudário,
Sem parábolas,
Expurgos no templo,
Cerimonial do lava mãos.
Deus humano,
Trouxe a guerra,
Julgou o próximo,
Comandou legiões,
Foi rei imprudente,
Foi rei destronado.
Deus não ungido,
Aceitou sua corda,
Lei não escrita,
Balançou na figueira,
Raio ou trovão?
Oba ko so! Oba Kòso!*

14. *14 - OXALUFÃ
Pai, eu sei da tua obra,
Eu sei que ela é vasta,
A ti devo tanto, devo tudo,
Torso, olhos, rins e patas.*

*Pai, Oxalá inumerável,
Regaço ou mapa?
Urdu minha argila,
Teceu minhas asas.*

*Me pôs na pedreira,
Me deu trono, obuses, fuzil,
Vigiu minha sede,*

Habitou minha fome.

*Pai, aboli fronteiras,
Derrubei paisagens,
Ganhei longas guerras.
Fundei vassalagens.*

*Transcendi a história,
E hoje serei teu cavalo,
Vem sobre mim, te conduzo,
Te carrego nos braços.*

*Pai, come na minha mesa,
Na minha baixela de prata,
Para mim o cocho dos servos,
Eu, o pó das tuas alparcas.*

15. 15 - OXUM

*Esta manhã teus cabelos escumam na água da cachoeira,
Vem sobre mim, vem sobre minha carne, minha matéria,
Calca-me com teus pés de deusa, de santa, de crócea infanta.
Acolhe-me nas tuas águas, guerreiro cansado, soldado vencido,
Deponho-te machete, gládio, clava de fogo, obus e fuzil,
Deponho-te meu trono, minha pedreira, minhas insígnias viris.
Porque teus olhos, tua cabeleira, teu corpo umbroso, estuam-me.
Porque tuas mãos, teus pés, teus peitos de sirena, me chamam.
Porque tua boca, tua língua, teu íncubo canto, percutem-me ondina.
Porque não serei Xangô, nem terei nenhum nome ou codinome
Se não balançar nas tuas águas e me afogar no unto da tua pele.*

16. *OBALUAÊ*
Meu irmão Lázaro,
Meu irmão chagado,
Fala-me nosso sangue,
Nossa carne comum,
Fala-me de quem tu és,
Príncipe, cordeiro e rei.

Atotô Babá Baluaê!
Entra na minha casa,
Dorme na minha esteira,
Come na minha gamela,
Guarda a minha porta,
Sobe na minha pedreira.

17. *IANSÃ*
Oyá te acolhe,
Oyá se renuncia,
Oyá se entrega,
Oyá te toma.

Oyá te tenta,
Oyá te seduz,
Oyá te cinge,
Oyá que ama.

Oyá que foge,
Oyá que é livre,
Oyá que parte,
Oyá cavalga.

*Oyá de Xangô,
Oyá da pedreira,
Oyá no raio,
Oyá no vento.*

*Oyá na guerra,
Oyá no rio,
Oyá na terra,
Oyá Senhora.*

18. *JUSTIÇA*
*Diante da pedreira eu te chamo,
Sou teu filho, teu ungido,
Cólera santa vem – libra-me,
Desce sobre mim como língua de fogo,
Abre-me tua severidade meu pai.*

19. *TROVÃO*
*Dialogam bocas
Línguas de fogo,
Falam da terra,
Falam do homem,
Omitem cadáveres,
Omitem abismos.*

*Repica a cólera,
Descargas indômitas,
Dançam coriscos,
Dançam fuzis,
Impõem custódias
Libram vencidos.*

*Machado alado,
Cevai serpes,
Cevai antropófagos,
Reconquistai vosso trono,
Habita em mim Xangô,
Vossa pedreira.*

20.

ÊXTASE

*Fui soldado,
Fui general,
Venci serpes,
Venci guerras,
Me fiz juiz,
Me fiz rei,
Tive servos,
Tive vassallos,
Ergui cidades,
Ergui impérios,
Me coroaram,
Me destronaram,
Levei corda,
Levei laço,
Lá na mata,
Lá na figueira,
Não tive cruz,
Não ressuscito,
No Orum,
No céu nivoso,
Meu pai Oxalá
Hoje te habito.*

21. *SANTO*
Oba Kòso! Oba Kòso!
Então ungirão teu corpo,
E te vestirão de encarnado,
E tua cabeça será coroada,
E receberás a chave e a mó,
E terás o raio na tua mão.
Te darão Oxê, obus e balança,
Retumbarás tua voz tonante,
Fulgirás no céu, fulgirás na terra,
Cavalgarás na noite,
Serás leão transfundido,
Também serás pai, serás irmão,
Habitarás no corpo do homem,
Antimatéria, argila inupta,
Oba Kòso! Oba Kòso!

22. *IAMABÁ*
- Káwó Kábièsílè Sàngó!
- Tuas filhas que chegam.
- Teus filhos que vêm.
- Vêm de branco e encarnado.
- Eis que chegam os atabaques.
- Vai começar teu afoxé.
- Vem sentar na nossa esteira.
- Vem comer teu amalá.
- Vem dançar no afojá.
- Vem rodar neste terreiro.
- Vem quebrar sete pedreiras.
- Káwó Kábièsílè Sàngó.

MOÇAMBIQUE

A Eduardo Mondlane.

Veio um homem e disse:

— “A luta continua”. – era teu filho.

Te proclamou pátria, veiga púbere.

Mãe, teus filhos te desposaram,

Mátria, teus heróis te libertaram.

Terra oferta-lhes teus peitos prônubos,

Seara concede-lhes teus frutos glabros.

DESCE EM MIM, MEU DEUS ORIXALÁ

(O Machado de Xangô)

*Vem ô meu pai, meu santo Oxalufã,
Estende tua mão, unge-me a cabeça,
Unge-me também os pés e os rins,
Acolhe-me, faz-me teu filho mais dileto.
Tem em mim aquele que é servo, o pó
dos teus passos. Tem em mim a pedra
em que te assentas ô antiquíssimo,
Mais que antiquíssimo Oxaguiã.
Pai Oxalá, desfruta-me.
Pai Obatalá me restitui a ti,
Pois sou barro, sou oca argila,
Teu sopro quem me infunde,
Teu cajado quem me erige.*

Èpao, èpa bàbá!

TRAVESSIA

(O Machado de Xangô)

*Aqui é o mar, sem margens.
Aqui jaz o mar, sepulturas,
Abismo, espelho, miragens,
Rio longo, sem arestas.
Do outro lado, pedras, sarças,
Cruzes, leito de cardos, kalunga.*

PARA XANANA GUSMÃO

(O Machado de Xangô)

*No teu solo outrora vicejaram chacais,
Eles calcaram teus irmãos,
Impuseram o sangue, o luto,
Plantaram tantas forcas,
Semearam vastos patíbulos,
Empanzinam a terra de ossos.
Vossas mães foram vencidas,
Secaram o leite dos teus filhos,
Queimaram o grelo da terra, a messe,
Teu mel destinado às bocas hiperbóreas.
E teus irmãos ficaram caídos,
E vossas irmãs foram violadas,
E nos teus cemitérios estabeleceu-se
Uma demografia de cruces.*

HISTÓRIA

Para a alma de meus irmãos de África que não sobreviveram à travessia.

*Aquele chão era manso,
Táctil e domável.
A chuva lavava o salitre,
Beijava a terra vulgívaga,
A semente crescia,
O sol limava o fruto.*

*Havia também um rei manso,
Havia uma fábula,
Um reino sem geografia.
Vieram mastaréus, cruzes,
Espadas, bandeiras,
E outro rei foi posto.*

*Fizeram uma paz vendida,
Pediram o ouro, a prata,
Quiseram também os homens,
Quiseram depois as mulheres,
E o mar tão manso, hoje ignóbil,
Duro abismo, farto de morte.*

ORATÓRIO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS

Para minha esposa “Preta” que nasceu sob o signo de São Cosme e São Damião.

*Infanta augural,
Rosa mais bela,
Lírio visível,
Preclara donzela.
Mulher percutida,
Mãe do Cordeiro,
Virgem desposada,
Ancila, afra, luzeiro.
Uma voz te chamava:
— Volve-nos teus olhos,
Fala-nos tua boca,
Vês? Somos teus filhos,
(Mazombos, pretos, crioulos).
Mãe prefigurada,
Novíssima rosa,
Antiquíssimo luzeiro,
Ancila aureolada,
Volve-nos tua face,
Ô mãe, acolhe-nos ao colo,
Põe-nos diante do pai Oxalufã.*

CLEMENTINA DE JESUS

(O Machado de Xangô)

*A música percorria as esferas,
Era branca, luz veludosa,
Então chegou o cante, palustre, negro,
Infenso aos coros, visões de arcanjos,
Voou para o chão, pousou no barro,
A voz da negra, granulosa, turva,
Cristal impuro, água salobra,
Se acomodaram as ôndias.*

PARA SOLANO TRINDADE

*Outros tiveram a liberdade
Que meu avô não teve.
Ouros comeram o pão
Que minha avó cozinhou.
Ainda outros gozaram a terra
Que meu pai tanto pediu.
E muitos outros calçaram os sapatos
Que minha mãe tanto quis.
Mas eu que sou lido,
Eu que conheço minha genealogia,
Que sei meu sangue retinto,
Que sei minha pele de Loanda,
Eu que sei empunhar bandeira,
Não ficarei rimando no meu canto
(Batalha com mortalha).
Meu canto é negro, é voz nimbada,
Despida de vides, narcisos e rosas.
Pois canto para o povo,
Para nossos deuses brunos,
Para o braço que tece a revolução.
Canto para os meus irmãos queimados,
Que vão deixando o suor e a pele
(Não nos livros, nem na memória),
Pois é com eles que há milênios
Vêm fabricando com sua tinta
O longo curso da nossa história.*

MACHADO DE ASSIS

*Negro no ser, negro no claro sentir,
Nunca me sonhei, fui conquistando,
Nascer é ser mal vindo, viver é perder-se;
Obter eu obtive, não tudo, fui comedido,
O que pensei, plantei, não fiz uma vinha;
Colhi o fruto bastardo, mas tive fome.*

*Fiz-me, cumpri o que sou contra o destino;
Quando voltava com estes cardos,
Disseram cornucópia. Tantas falas, palmas,
Tantos discursos. Correu tanta tinta,
Apagaram meus passos, meu avô calhambola,
Me impuseram louros e isto: aréola, tez nivosa.*

DEMOCRACIA

*À princesa consternada:
- Essa lei não nos redime,
Põe fim, mas não apaga,
O que por séculos foi seu crime.*

CASA GRANDE & SENZALA

*Um dia ele caiu no mato,
Puseram anúncio,
Virou crioulo fugido,
Um conto, até dois contos;
Era bom pra tudo:
Pro nonhô montar,
Pra sinhá e pro sinhô;
Servia pra ganho,
Pra criado, pra aluguel;
Mas não o puderam achar,
Mandingueiro como ele só,
Num pé de vento sumiu.*

MALUNGO

“Malungo, meu malungo (...) chama o preto a outro cativo que veio com le [da África] na mesma embarcação”. Macedo Soares, 1880.

*Agora que a terra é finda em barco, em além,
Em rio sem margens e em horizontes longos,
Paisagens molhadas, brancas insônias, sem vislumbres,
E há entre nós a mesma pátina, a mesma argila,
E somos o mesmo barro e bebemos do vasto fel,
E nos impõem as mesmas cruces, látigo e arçã;
Agora que atravessamos destas margens de cá,
Desta margem que foi o lugar das horas calmas,
Aqui onde o grão grávido, nossos deuses, nossas mães,
Onde o pássaro em cima, onde a terra mansa,
Nossos molaes triturando, e as palavras potáveis;
Como pudeste ó falanges deportar teus irmãos?
Provisoriamente seremos travessia, limitados, degredados,
Navegando com estes náufragos no barco xifópago,
Queremos chorar nossos irmãos, chorar a terra vencida,
Mas contendo nossa avidez de lágrimas, de luto,
Nos transfundiremos em luta, em revolta, em grito,
E como um pássaro de asas cativas, rijas, dobradas,
Cava entre as gretas um raio, a antemanhã espessa,
Nós te convocamos luz glabra, nubente fraternidade,
Nós te convocamos e aceitamos esta cicuta, vem irmão.*

É a hora!

Milagres, Ce. 2021



Urucungo, instrumento musical africano, um ancestral do berimbau brasileiro.



CARLOS CÉSAR
PEREIRA DE SOUSA

*N*asci na cidade de Crato-CE., entre a usina de açúcar e o canavial, meu pai e meu avô, ambos Francisco, homens pretos que trabalharam na usina e também como cassacos do canavial, minha avó e minha mãe, duas marias, foram mulheres da cozinha das casas grandes, o trabalho deles produziu a riqueza do Cariri e eles que não puderam estudar conquistaram para mim o direito ao estudo com o qual eu conquistei minha liberdade, foi o trabalho deles que me levou aos bancos escolares e assim me tornei o primeiro da minha família a chegar na universidade e a ocupar este lugar de privilégio. Graças ao trabalho desses negros e negras que de mim cuidaram e de tantos outros pretos que através de suas lutas conquistaram um lugar para mim e meus outros irmãos, hoje eu sou professor, mestre em História, psicopedagogo, tenho um livro publicado: Milagres, nossa terra Cariri, escrevo ensaios, crônicas, contos, poesias e milito no Movimento Negro para que minha filha e meus outros semelhantes pretos possam viver numa democracia antirracista.



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



CEARÁ

GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Navio britânico Brookes, utilizado no século XVIII para traficar seres humanos escravizados da África para a América.

